

*“Fogaça com Palavras”*

## JOÃO PEREIRA DA COSTA LIMA

*Apresentação de Celestino Portela*



*João Pereira da Costa Lima*

*"Escritor e artista, nasceu na Vila da Feira em 13-V-1836, e morreu em Lisboa em 3-XI-1897, tendo levado uma vida aventureira.*

*Além de escritor, poeta e actor, foi aprendiz de ferreiro, marçano e caixeiro, fotógrafo e comerciante, actor e empresário e ainda saltimbanco. Na infância preferiu a vagabundagem ao estudo e pela vida fora foi incorrigível boémio. Passou a adolescência e parte da juventude por terras do Brasil, sem se fixar e obedecendo apenas a uma natural tendência para a poesia e para o teatro. Estabeleceu-se como fotógrafo no Pará e em Lisboa e aqui conseguiu tornar a sua fotografia um centro de reunião de artistas e escritores de teatro. Organizou companhias ambulantes, que representavam as suas próprias peças e causavam assombro com cenários que, movendo-se durante a representação, mostravam ao público todo o panorama de Lisboa ou do Porto. Ganhou e perdeu fortunas nos seus negócios teatrais, exerceu os mais variados*

*misteres nas ocasiões de penúria, porem, sem nunca abandonar as suas relações teatrais. Fernando Palha viu-o representar numa companhia de amadores, no antigo Príncipe Real (hoje Apolo) e logo o contratou.*<sup>1</sup>

Falar deste feirense que teve um percurso de vida tão fascinante como aventureiro é avivar a



*O confrade Celestino Portela no uso da palavra*

mágoa que sempre senti por não nos ter deixado a sua Peregrinação que talvez rivalizasse com a de Fernão Mendes Pinto.

Vaz Ferreira, referindo o livro *MEMORIAS LITERÁRIAS* do Visconde Sanches de Frias, em Artigo publicado no *Correio da Feira* de 30 de Março de 1946, que intitulou “Um Feirense esquecido” e que a Comissão

de Vigilância do Castelo em feliz e oportuna reedição do *Ferro Velho*, traça-nos o percurso de vida de João Pereira da Costa Lima de forma muito atraente e de que vos trago excertos.

Ao ler-vos o texto escrito por Henrique Vaz Ferreira há cerca de 70 anos, prestamos homenagem a dois ilustres feirenses, que não se conheceram, mas que foram contemporâneos durante 29 Anos, de 1868 a 1897, e nos deixaram escritos para culto da nossa admiração.

*« João Pereira da Costa Lima nasceu aqui na vila, a 13 de Maio de 1836, filho de Manuel Pereira da Costa, oficial reformado e de D. Florinda Amélia de Lima.*

*« Aos dez anos o Joanico da Florinda era tão garoto que o pai o pusera numa oficina de ferreiro para aprender o ofício.*

*« Era uma daquelas casas abarracadas guarnecidas de vidraças sucessivas, como tantas havia e hoje já rareiam,*

*onde se fabricavam fechaduras e aldrabas das arcas de pinho.*

*« Á passagem duns cegos ambulantes o endiabrado rapaz arrancou com eles e fez-se cantor do fado. Mas os cegos voltaram à Feira e o Joanico foi reconhecido e entregue aos pais para, no ano seguinte ser empregado como marçano numa tenda do Porto.*

« Um belo dia abandonou o balcão e voltou para a Feira, onde a mãe conseguiu abrandar as iras do pai.

« Morreu este pouco depois e em 1849, aos 13 anos, o Joanico embarcou para o Rio de Janeiro. Lá foi garotando e vivendo até que, cinco anos depois, estava em Pernambuco, tendo seguido mais tarde para as províncias do norte do Brasil (Ceará, Maranhão e Pará) onde foi caixeiro, agente de indústrias, caçador, hoteleiro, armazenista de fatos de máscaras, corrector de negócios, fotógrafo e até gato pingado, como ele próprio dizia, por ser caixeiro de uma empresa funerária em Paraiba.

« A esse tempo já fazia os seus versos, publicando a primeira poesia datada de 25 de Setembro de 1862 sob o título Maldição. Conservou-se sempre poeta toda a vida.

« Encontrara, porém, na fotografia a sua vocação e veio a Paris estudar essa especialidade.

« Tencionava visitar a mãe, rever a sua terra querida; mas por falta de dinheiro embarcou para o Maranhão, onde abriu o seu primeiro estabelecimento fotográfico.



« Em 1863 veio ver a mãe e demorou-se algum tempo na Feira.

De volta ao Brasil transferiu a fotografia para o Pará.

« Embrenhou-se na literatura e escreveu uma peça de teatro “As Pupilas do Escravo”, em três actos, imitando os costumes, linguagem e modos dos pretos.

« Em 1865, com 29 anos, voltou doente a Portugal e hospedou-se em Benfica na casa de um seu tio, pai da senhora com quem se casou.

Voltando no ano seguinte ao Pará com a esposa, reabriu a sua fotografia. Mas, não se dando a esposa bem no clima, trespassou a casa ao Felipe Fidanza e regressou a Lisboa em meados de 1867.

« Adquiriu então a Fotografia Silveira, na rua do Tesouro Velho, que era do célebre moedeiro falso. Estava o estabelecimento no sítio do teatro D. Amélia depois crismado em S. Luiz.

« Entrou numa roda de amadores dramáticos, fez dramas e comédias e representou os principais papéis com muita habilidade. São da sua autoria a Espadelada e o Otelo tocador de realejo. Nesta última peça o viu o grande autor Róssi, elogiando e aplaudindo a imitação que dele fazia.

« Em 1871 meteu-se em novo empreendimento. Fez pintar pelos cenógrafos Procópio e Lambertini um pano de correr com o panorama de Lisboa, desde a barra a Santa Apolónia, escreveu duas peças dum acto Orestes e Pilatos e A vindima e foi, com essa bagagem, dar espectáculos no Rio de Janeiro.

« O sucesso foi tal que pouco depois encomendava outro panorama do Porto. Vendeu porém todo esse material cénico a Vicente Rodrigues que o aproveitou numa Tourné planeada pelo nosso Costa Lima às províncias do Brasil.

« No Rio encontrara de novo o célebre Rossi que lhe ofereceu o retrato a 27 de Junho de 1871.

« Uma doença de bexiga obrigou o Costa Lima a regressar a Lisboa em 1872, empregando todos os seus haveres em fundos espanhóis que os movimentos políticos fizeram baixar subitamente. Embranqueceram-lhe os cabelos ao ver-se arruinado. Empregou-se como gerente de um café do Rossio e ia representando como amador, em casas particulares, no Teatro Taborda e no Príncipe Real.

« Foi escriturário do Hospital de S. José e arranjou no Porto o emprego de pagador do caminho de ferro do Minho e Douro, voltando de lá a Lisboa em 1876, para tomar a direcção do Asilo Maria Pia que só exerceu durante um ano.

« Foi a Paris surtir-se de quinquilharias e estabeleceu-se na rua do Corpo Santo de Lisboa. Trespasseou essa loja e pôs outra na rua do Ouro com o título “Casa das Variedades”, para a trespassear também meses depois, em 1879, indo viajar pela Europa a adquirir sortido para a Casa de Berlim que abriu na rua do Ouro.

« No princípio do 1883 já mudara de rumo e tinha outra fotografia na rua de Arco da Bandeira, a qual passou depois ao seu colega Gois e ainda existe.

« Tendo falecido o actor Ribeiro, o diretor do Teatro da Trindade, humorista Francisco Palha, convidou o Costa Lima para substituir o popular cómico no papel de Gaspar dos Sinos de Corneville. Foi um sucesso, mas passageiro; porque uma doença de estômago, levando-o a Caneças, lhe deu ensejo para adquirir uma pequena propriedade em Montemor, onde se conservou até 1888.

« Voltou para Lisboa como administrador do jornal O Globo para passar a pagador da Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro e se estabelecer sucessivamente com loja de mobílias na rua da Prata e com outra de espingardeiro na rua do Oiro.

" Por fim, um mês depois de se desfazer da espingardaria, vitimava-o uma afeção pulmonar aos 3 de Novembro de 1897, sem que lhe fizessem a vontade expressa nos seus versos datados de Antuérpia em 1879.

*Como paga deste anseio*

*Só te peço ó chão da Feira,*

*Sete palmos do teu seio,*

*Na minha hora derradeira." <sup>2</sup>*

Dos Livros que escreveu o mais famoso e mais conhecido é a *LUSA BAMBUCHATA*, poema triste em verso alegre, publicado em 1885, sob o pseudónimo de Joanico C.Mila, ilustrado por Rafael Bordalo Pinheiro, que é uma charge à política da época.

*“Portugal ardia, nessa época, em labaredas infernais jamais vistas em terra lusa: verificava-se uma verdadeira e progressiva decomposição social e política.*

*“Os ministérios eram atirados abaixo, a todo o momento, mas levantavam-se logo com outras figuras. O resultado, porém, era o mesmo.*

“O célebre Bispo de Viseu, D. Ant3nio Alves Martins, chefe do partido reformista, n3o descansa um momento, levanta aqui um minist3rio, que cai logo acol3. Era triste a sina da politica reinante.

*Reinava a ma3onaria, reinava a Rep3blica, reinava a desordem, reinava o mal-estar, reinava a anarquia, s3o n3o reinava o Rei...*”<sup>3</sup>

“E tudo isto 3 Rei - Na33o”<sup>4</sup>

Rafael Bordalo Pinheiro era um humorista de grande prest3gio que editara v3rios jornais humor3sticos, designadamente o *3lbum das Glorias*, *Pontos nos ii* e *Ant3nio Maria* que acabou definitivamente nesse ano de 1885, dedicando-se ent3o 3 cer3mica, com f3brica em Caldas da Rainha, onde concebeu figuras imorredoiras como Z3 Povinho e outras.

A capa da *Lusa Bambuchata* 3 de grande beleza e as letras das palavras s3o todas formadas por copos, ta3as e plantas.

3 deste poema que, com excelente colabora33o da nossa Confreira, Dr.<sup>a</sup> Ana Paula, que aceitou participar, o que muito agrade3o, vamos ouvir alguns versos:



Agora, amigo meu, do nosso posto a3reo ...  
Olhemos mais ao long3 onde o caso 3 mais serio.  
Depois tu me dir3s 'se o quadro 3 do teu gosto,  
Ou devo de pudor cobrir, tapar o rosto.

V3s tu aquelle anci3o, d'ar triste, apoquentado,  
Scismando com pesar nos tempos do passado,  
Quando elle era rapaz, valente e sacudido?  
Chama-se Portugal! Coitado! ... est3 perdido !...  
Se acaso n3o achar de prompto quem lhe acuda,  
Morre sem remiss3o de *fallencite* aguda! ...  
Morre, sim, p3des cr3r! Se o calculo n3o falha  
N3o deixa nem vintem p'r'3 compra da mortalha,

Que o filho *Antonio*, o Caro, a joia da família,  
Deu-lhe cabo dos bens, poz no prego a mobilia!

[...]

Não vês aquella dama em trajos insolentes  
Seguida logo atraz d'irrnensos pretendentes?  
A bolsa sempre aberta, a mão sempre estendida,  
Portuguesa a valer, fresca, bella, garrida,  
Com lábios cõr de rosa e a voz pura, argentina,  
Sonora do metal ... vês? ..  
Chama-se a PROPINA!...  
Propina! A bella dama! A fada seductora,  
Rainha da belleza! a deusa encantadora!  
Quando meiga e sorrindo em alguém põe a vista  
Adeus justiça e lei! Não ha quem lhe resista;  
Nem grande nem petiz; nem blusa nem arminhos,  
Nem mesmo o ... et caet'ra e tal muitos pontinhos ...

.....  
.....  
.....

Agora mais além. Vês um homem sisudo,  
Vestido com decencia, um tanto barrigudo,  
De fita ao tiracol, commendas a brilhar,  
Direito como um fuso ou taco de bilhar,  
Fallar pausadamente á sucia que o rodeia,  
Mechendo no berloque appenso na *cadeia*,  
Com ar d'aristocrata e *pose* d'impreitada,  
Sorrindo por disfarce ao som d'uma pitada?...  
Chama-se o D. EMPENHO!...

O typo verdadeiro

De quem já foi ministro e agora é conselheiro:  
O chefe, o director, grão mestre ou presidente  
De tudo onde haja *bago* e possa pôr o dente;  
Que busca e sabe achar por algebro systema,  
O X da comedéla incognito em problema,  
Expondo sempre o caso á laia. de receita:  
Propina *mais* Empenho *igual* a coisa feita.  
Não ha n'este torrão ninguem que o não respeite;  
Do luso machinismo *Elle* é mola, *Ella* azeite.

Passemos ao terceiro, áquelle outro burguez  
D'urn *todo* espertalhão que junto d'elle vês.  
Oh! esse ... é mais! é tudo! é grande potentado  
Que faz d'um badameco um par, um deputado;  
E quando está de veia, agarra um boticario  
E fal-o sem c'rimonia um alto funcionario.  
Amigo do vadio e protector da pandega,  
Faz do Estado uma creche e um asylo da Alfandega !  
Faz tudo quanto quer, quer tudo quanto faz ...  
Na furia do querer, crê tu qu'elle é capaz,  
Sem licença da *carta* ou permissão d'alguem  
Da pasta dar da guerra ao Jayme de Belem !

Pois esse, meu amigo, esse ... chama-se o VOTO!...  
Que tem sido e será peor que um terremoto!...  
Por onde quer que passa, arrasa, faz caliça---  
De casas? Não; da lei, da honra e da justiça!  
.....  
.....  
São estes da familia os membros principaes  
Do tropego velhote. Ha porém muitos mais  
Que além te mostrarei. São muitos por desgraça  
Filhos do mesmo pae, todos da mesma raça!

Os tres, vamos aos tres, que são quem mais importa,  
Agentes immortaes da coisa que anda torta.  
Propina! Voto! Empenho! Eis a trempe invencivel,  
Que vira, torce e faz possivel o impossivel!...  
Com *ella*, amigo meu, por *ella* protegido  
Podes, se te aprouver, ser um grande bandido!  
Matar *n'amendoeira* um fraco embriagado  
Que o jury te dirá: Não, não está provado!...  
De revolver em punho em plena rua ou praça  
Tres tiros d'uma vez dar n'um homem que passa!  
Que has de ser, quando muito, um *miserio sem tino*,  
Um LOUCO que matou, mas nunca um assassino!  
[...]  
E tu, pobre paiz! Tu és a grande mina  
Que abrigas no teu seio as aves de rapina!  
A raça do condor, que mata, esfola e come...



Sem nunca se fartar! sempre a berrar de fome!

[...]

GIRANDOLA FINAL

Mudar as leis antigas?

P'ra que mudar as leis?

Mudae antes os homens:

Buscai-os sem barrigas;

Que o mal, vós o sabeis,

Existe nos abdomens.

Para concluir três notas apenas:

1º Qualquer semelhança entre a política do século 19 e a do século 21 é pura coincidência

2º Por esta razão sugeri ao nosso estimado mestre, Dr Joaquim Gonçalves, que esta Fogaça com Palavras fosse servida após o dia 04 de Outubro para que não influenciasse o sentido de voto.

3º Deixar à consideração da Mestrança a edição do livro *LUSO BAMBUCHATA*, como homenagem ao nosso conterrâneo que não conseguiu a suprema ventura de ser sepultado na sua terra natal. O mais difícil é verter o texto conforme o acordo ortográfico.

Muito Obrigado

<sup>1</sup> *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Volume XV

<sup>2</sup> Vaz Ferreira – *Ferro Velho* – Volume segundo.

Edição da Comissão de Vigilância do Castelo da Feira, 1989

Organização de Anidio Casals de Azevedo

<sup>3</sup> Padre Albano Alferes – *Velharias* –

Colecção Santamariana nº 23. Edições LAF-2007.

<sup>4</sup> Fernando Pessoa – *Mensagem e outros Poemas sobre Portugal*. – Assírio e Alvim - 2014